

Delicada explosão



Renoir

Eu não pertencia ao internato, embora desejasse muito. Não sei por que minha mãe não concordava que eu ficasse no colégio, mas não podia deixar de notar a sua felicidade, à noite, quando toda a família sentava para jantar, na frente do fogão à lenha e da pia mofada e, então, vinha a pergunta de sempre: — E como foi o dia de vocês, hoje? — Começava a festa. Meu irmão pequeno e meu irmão grande disputavam com meu avô, que os chamava de mal-educados, a fala mais alta. Minha avó gargalhava. Minha mãe ia servindo a comida como se fosse um ritual sagrado. Ela repartia o pão de aveia que minha avó tinha feito à tarde. Meu pai e eu ficávamos rindo, trocando olhares inteiramente cúmplices, tentando entender quem dizia o quê. Ele só interferia quando o tumulto ficava maior do que se podia aguentar e meu irmão pequeno chutava as canelas do meu irmão grande, que revidava, e os dois gritavam. Aí, quando dizia chega!, todos se calavam. Ele sacudia a cabeça em negativa e recomeçava a comer

e, pouco a pouco, a festa também recomeçava. Simplesmente porque, em família, somos simples e alegremente assim.

Eu sei que minha mãe sentiria a minha falta à mesa, à noite, como sentiria a de qualquer um de nós, eu também sei, mas ficar no internato era quase uma condição de vida, para uma moça de doze anos como eu e que estava pensando em ser freira. Onde teria melhor iniciação do que no internato? Não tinha coragem de contar isso, da parte de ser freira, para a minha mãe, tinha contado para a minha avó que me abraçou encantada e chorou comovida e orgulhosa e, vez que outra, passou a me chamar de minha santinha. Eu corava envaidecida e nervosa. Ficaria linda num hábito! Tinha o rosto bem bonito.

Ia para o colégio às 7:30 e saía às 18:30. As freiras eram organizadas. Irmã Celestina nos recebia na porta e nos fazia desdobrar o cós da saia pregueada. A minissaia crescia até abaixo dos joelhos, para nossa máxima infelicidade. Tínhamos, pela manhã, aulas normais, matemática, português, história, ciência e. Eu adorava as tardes. Aí, tínhamos educação física e eu era do time de vôlei. Tínhamos aula de música e eu fazia parte do coral. Tínhamos teatro e eu sempre estava numa peça. No Natal, quando se montava o presépio e as famílias vinham assistir, eu era a Virgem Maria, meu respeito era absoluto, puro. Tínhamos artes plásticas, mas nisso eu não era boa e, como sempre havia alguém do internato que fizesse para mim, nunca aprendia mesmo. Os bordados era a minha avó que fazia em casa e, algumas vezes, “errava um pontinho para ficar mais perfeito”. Dizia isso com aquela gargalhada forte. Ninguém ia achar que ela tinha feito por mim. Tínhamos aula de leitura e eu pensava que era como deveria ser o paraíso! Tínhamos aula de religião e eu ficava cada vez mais íntima do São Francisco, que devia ter sido um rapaz muito bonito e muito bom. Primeiro, porque, na minha cabeça, não tinha nada a ver com essas estatuetas horrorosas, com uma pomba no ombro, depois, porque a Irmã Ciça tinha contado a história dele para a gente. Antes de ser Santo, era um jovem que gostava de se divertir! O pai dele nem queria que ele fosse Santo, nem nada, foi buscá-lo na Igreja de São Damião aos tapas! Mas tinha um valor maior do que qualquer outro valor dentro dele. Eu adorava esta história. Eu também tinha um valor dentro de mim e, além de tudo, eu também adorava os animais. Todos os animais e principalmente os filhotes. Quer dizer, todos,

não, nem cobras nem lagartixas nem baratas. Mas. Sabia de trás para a frente a Oração a São Francisco de Assis.

Na verdade, eu sabia todas as orações. Todas, não. Não conseguia decorar Salve Rainha, então, sempre trocava com Deus uma Salve Rainha por cem Ave Marias. Acho que Ele ficava satisfeito, saía ganhando, e eu também.

Pode até parecer que não, mas sempre fui muito certinha. Sempre fiz tudo o que me mandaram fazer. De mau humor ou não, mas sempre fiz. — Agora me dou conta de como “sempre” sempre fez parte da minha vida! — E, do alto da minha idade, de uma dúzia de anos, eu já estava pronta para fazer escolhas. Sabia tudo da vida. Tinha lido escondida, com o coração pulando e uma sensação estranha e boa abaixo da barriga, tinha lido Madame Bovary. Conhecendo Emma, conhecia tudo do amor e conhecendo tudo do amor, até da traição, eu conhecia tudo da vida.

Claro, algumas vezes ficava insegura, mas nada que abalasse as minhas certezas mais importantes. Algumas vezes ficava triste e nem tinha muito por quê. Algumas vezes ficava alegre, também sem muito motivo, e ria, mesmo que os outros não achessem muita graça. Sorte minha é que tinha a minha amiga Laís. Era das internas, mas estávamos sempre juntas.

Por que sorte? Porque era, desde sempre, desde o jardim de infância, minha melhor amiga. Para ela eu contava tudo. Quando contar ficava difícil, trocávamos nossos diários. Não existia a meia palavra e quando não existe meia palavra, tudo é confiança, tudo é proteção, tudo é tão mais leve que o mundo nunca chega a cair na cabeça da gente. Líamos como condenadas! Trocávamos livros. Ela conseguia tirar às escondidas os livros proibidos, os da biblioteca grande. Foi ela quem conseguiu Madame Bovary. Este, era, sem dúvida, o nosso maior segredo. O segundo, seria quando ficássemos menstruadas, mas isso só aconteceria depois.

Ríamos, como ríamos de tudo! E como aventurávamos por aqueles corredores escuros e compridos e cheios de escadas, as escadas que levavam aos dormitórios das internas e as outras que levavam aos dormitórios das irmãs! Naquelas, ninguém podia subir. Laís subiu. Contou, depois, não sem uma ponta de maldade, da maldade de que só os adolescentes são capazes, que a irmã Celestina raspava a cabeça sob o véu e só tinha aquela franja que deixava aparecer. Difícil olhar para a irmã Celestina nos dias seguintes. Eu não cortaria o meu cabelo! Nunca. Laís ria, ela cortaria, sim.

Às vezes, Laís conseguia arroz doce na cozinha, pegava dois livros na biblioteca grande e partíamos. Nossa maior peripécia. Atrás da ala do internato, havia uma trilha que dava num cemitério. Era para lá que íamos. Sentávamos atrás de um mausoléu, comíamos o arroz doce e conversávamos conversávamos conversávamos e. Sobre tudo. Sobre as alegrias das nossas vidinhas tão limitadas. Sobre os pequenos e imediatos sonhos. E líamos. Líamos por horas a fio, até que o tempo nos surpreendesse e corríamos assustadas por entre os túmulos de volta para o colégio. Primeiro passávamos pela capela para pedir perdão pelo pecado da gula. Depois, entrávamos, disfarçando, entrávamos no corredor como se nunca tivéssemos saído.

Foi difícil entrar quando li *O diário de Anne Frank*. Não conseguia parar de chorar com tudo o que uma menina da minha idade tinha passado durante a Guerra para se esconder dos nazistas! Difícil isso de acreditar que a maldade humana também é infinita. Não apenas o amor, como ensinava o Francisco. Me perguntava se eu seria forte como ela. Não sei. Laís, talvez. Eu? Não sei. Quando a irmã Ciça perguntou por que eu estava chorando, a Laís respondeu que meu gato — óbvio que eu não tinha gato! Meu avô e minha mãe eram asmáticos! Era só ouvir falar em gato que já entravam em crise, como se a palavra gato também tivesse pelo. — havia morrido. Irmã Ciça colocou a mão no meu ombro, falou baixinho alguma coisa de Deus, e falou com olhos de puro amor. Os meus? De pura culpa.

Mas.

Aquele outro dia foi diferente. Estávamos na aula de leitura, com a irmã Adélia, a mais bonita de todas as professoras e a mais querida também. Como eu já tinha lido todos os livros do balaio, ela sugeriu que pegasse uma revista. Peguei uma revista chamada *Realidade*.

Sentei no fundo da sala, encostada na parede, ao lado da Laís, e comecei a olhar a revista. Foi assim:

DEREPENTEUMAEXPLOÇÃO

não sei onde, uma explosão dentro e fora de mim. Meus olhos não conseguiam desviar daquela fotografia. Eu, que achava que já tinha visto tanto e sentido tudo aos meus doze anos, eu que era moça feita, eu que era inteligente e esperta e sensível e viva e quase santa e. Eu nunca tinha visto e nunca tinha vivido tamanho fascínio! Meu coração disparou e minha respiração ficou difícil. Era uma página inteira: um céu azul escuro estrelado, no meio dele, solta, a fotografia de um feto. As mãos. Os dedos abertos. Os pés. O nariz. As orelhas. Os olhos inchados fechados. Da barriga, um cordão a conectá-lo com o céu estrelado. Era vida. Pura vida pulsando no silêncio de uma fotografia de uma revista *Realidade*! Não tinha nada a ver com aquele sapo branco, dentro de um vidro de álcool, que morava no laboratório de ciências e a irmã Anabela dizia que era um feto. Não. Não era aquilo. Era o início de tudo, não era o fim. Era uma explosão de vida. Era tão grande quanto grande eu pensava que fosse Deus na sua existência grandiosa e eterna. As lágrimas brotavam dos meus olhos. Meus olhos ardiam. A bola na minha garganta me impedia de falar. Minha mão tremia. Como se define beleza além da beleza? Como? Quanto?

Pela primeira vez eu quis ter uma coisa minha, só minha, e o que eu queria era aquela página da fotografia de um feto ligado ao céu azul estrelado da revista *Realidade*.

Respirei fundo. Olhei para o lado. Laís estava mergulhada nas *Memórias de uma jovem bem comportada*, tinha trazido lá de cima, no balaio não tinha este tipo de livro. Olhei para a turma, todas as minhas colegas lendo, um silêncio quase absoluto. Devagar, fui puxando a página, devagar para que a irmã Adélia não percebesse. Mas. Foi inevitável. Um puxão só e o barulho do feto arrancado rasgou o silêncio da sala.

Todas as meninas viraram o rosto para mim. Irmã Adélia perguntou: —o que é isto? — e veio caminhando na minha direção. Quis esconder a folha, mas não consegui. Ela tomou da minha mão e perguntou de novo: — o que é isto?

Não consegui responder. Ela não entenderia. Deve ser o que as pessoas chamam de estar entre a cruz e a espada. Se dissesse uma folha. Me repreenderia. Se dissesse um feto. Ela diria, estou vendo. Se dissesse que arranquei a folha porque queria para mim. Ela diria que é pecado querer o que é dos outros e que a revista não me pertencia. Fiquei em silêncio, apesar dos olhos da Laís me dizerem te defende, fala alguma coisa.

A irmã Adélia me levou para a Direção. E sabe de uma coisa, eu não consegui ficar brava com ela por isso. Ela estava certa.

Irmã Celestina disse que eu tinha magoado Cristo e me deu um alfinete para espetar no seu coração, o do Jesus, de feltro, que ficava embaixo da cruz.

— Não magoei o Jesus, vou magoá-lo se fincar um alfinete no seu coração. Não vou fazer isto. — Consegui dizer em meio aos soluços.

Irmã Ciça, com o braço sobre o meu ombro disse que Jesus me perdoaria. Eu respondi que não ia fincar um alfinete no coração Dele só para Ele me perdoar.

Irmã Adelia estava nervosa, só queria saber da figura, por quê?

Depois de muito insistirem e de tanto eu negar, pediram que a irmã Ciça me levasse para casa e explicasse aos meus pais que eu estava suspensa até que me arrependesse. Fui para casa com a pasta numa mão e a folha, minha!!!, na outra. Agora, tinha um pecado: roubei a página da fotografia de um feto ligado ao céu azul escuro infinito pelo cordão umbilical da revista *Realidade*. Ia colar no meu diário para sempre.

À noite, a janta da família começou em silêncio. Antes que minha mãe repartisse o pão de aveia feito pela minha avó à tarde, meu pai quis ver a folha. Olhou durante muito tempo. E todos esperando que me repreendesse. Ele disse que eu não devia ter arrancado a página de uma revista que não era minha, mas daí a fincar um alfinete no coração do Jesus... Foi o sinal. Toda a família começou a me defender. Uma santinha! — dizia minha avó! Meu avô, indignado com o jeito que tinham me tratado. Meu irmão pequeno e meu irmão grande me olhavam com admiração porque, suspensa, eu não precisava ir na aula nem nada. Minha mãe estava mortificada com a injustiça que cometeram comigo. Amanhã, vamos todos lá! — decretou meu avô. Simplesmente porque, em família, somos simples e alegremente assim. E foram.

Laís espiava pela janela, rindo com o olhar conivente de sempre. Enquanto negociavam com a irmã Celestina a questão de fincar ou não fincar o alfinete, meus avós gesticulavam e meu pai acenava que não com a cabeça. Sob o olhar protetor e atento da minha mãe, eu pensava com meus botões que tinha um pecado de que nunca me arrependeria. Talvez aquele fosse só o primeiro, mas foi uma delicada explosão de vida na minha vida de moça de doze anos. Eu era o feto que começava a descobrir a grandiosidade do infinito.

